



JOSÉ DE ALENCAR – HISTORIADOR

ARLENE FERNANDES VASCONCELOS⁴²

Resumo

A pesquisa em crônicas dos tempos coloniais, dos hábitos e costumes de determinadas épocas levou Alencar a trabalhar com fatos e personagens desconhecidos ou desprezados pela historiografia oficial em seus romances históricos, criando um diálogo entre os personagens ficcionais e os reais, de forma a envolver o leitor, aproximando-o de acontecimentos reais passados, gerando um entrecruzamento entre a história e a ficção. Procuramos propor um diálogo da abordagem histórica do autor e as correntes positivista e presentista, com sua visão minuciosa da sociedade colonial, levando em consideração o conceito de micro-história.

Palavras-chave

Alencar, personagens históricos, micro-história.

Abstract

The research in chronicles of colonial times, the habits and ways of determined ages, led Alencar work with unknown (or despised by official historiography) facts and characters. Through his historic novels, he creates a dialogue between fiction characters and historic characters, providing interactions from the reader with historic events, bringing him near to true past events, intertwining history and fiction. This paper aims to propose a dialogue between the author's historic approach and the positivist and presentist schools. As a result, we have an overview of the detailed author's vision of the colonial society, considering the concept of microhistory.

Palavras-chave

Alencar, historic characters, microhistory.

42 Aluna da Pós-Graduação em Letras – UFC.

Quem lê as obras de José de Alencar tem a impressão de estar em contato com uma coletânea de vários autores, tão diversificadas foram as áreas em que atuou. Alencar foi múltiplo: poeta, crítico, romancista, jornalista, historiador. Exigente, esmerou-se em cada obra, na pesquisa e na escrita. Para seus romances históricos leu os cronistas do tempo colonial. Suas pesquisas eram minuciosas e suas fontes bem escolhidas, de acordo com o tema que pretendia explorar. Chegou mesmo a se intitular historiador. É bem verdade que um historiador à sua maneira, visto que, além de trabalhar com vultos históricos, escreveu sobre homens e mulheres comuns e sua vida cotidiana, criados por sua ficção.

Estando sempre um passo à frente em relação aos outros intelectuais de seu tempo, não se limitou a copiar os métodos de escritores europeus, criou um novo estilo de escrever, uma linguagem mais brasileira; pois que buscava desenvolver um espírito de nacionalidade no Brasil, um país novo, ainda em busca de sua própria identidade.

Em meados do século XIX, o índio já era aclamado como símbolo da nação, tanto por Gonçalves Dias como por Gonçalves de Magalhães, este último com a obra que pretendia tornar-se a nossa epopéia nacional, *A Confederação dos Tamoios* (1856), duramente criticada por José de Alencar, sob o pseudônimo de Ig, em suas “Cartas sobre *A Confederação dos Tamoios*” (1856). Índio que foi exaltado por Alencar em uma trilogia que conta com *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874). E Índio com linguagem própria, o qual foi um dos seus principais temas de estudo; e não menos nobre e corajoso: Alencar retratou guerreiros fortes e destemidos, verdadeiros heróis das matas americanas, sempre baseado em profundos estudos sobre a natureza brasileira, a etimologia indígena e seus costumes.

Em sua “Carta ao Dr. Jaguaribe”⁴³, Alencar revela o desejo de escrever um grande poema sobre as tradições indígenas. Esse desejo acabou por se realizar, em prosa, com *Iracema*. Segundo ele,

o assunto para a experiência, de antemão estava achado. Quando em 1848 revi nossa terra natal, tive a idéia de aproveitar suas lendas e tradições em alguma obra literária. Já em São Paulo tinha começado uma biografia do Camarão. Sua mocidade, a heróica amizade que o ligava a Soares Moreno, a bravura e lealdade de Jacaúna, aliado dos portugueses, e suas guerras contra o célebre Mel Redondo; aí estava o tema. Faltava-lhe o perfume que derrama sobre as paixões do homem a alma da mulher⁴⁴.

43 ALENCAR, José de. Carta ao Dr. Jaguaribe. In: _____. *Iracema*. Lenda do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 1985, p. 189.

44 ALENCAR, José de. Carta ao Dr. Jaguaribe. In: _____. *Iracema*. Lenda do Ceará. (op. cit.)

Em *Iracema*, temos o nascimento do primeiro cearense, Moacir, filho da índia com o colonizador Martim Soares Moreno: “Nessa hora em que o canto guerreiro dos pitiguaras celebrava a derrota dos guaraciabas, o primeiro filho que o sangue da raça branca gerou nessa terra da liberdade, via a luz nos campos da Porangaba”⁴⁵. Moacir simboliza a gênese do povo brasileiro, com a miscigenação que faz desse povo o que ele realmente é – um povo com tipos físicos variados, cores variadas e, principalmente, culturas variadas. E, assim como a índia Iracema estará presente em um importante momento da história do Brasil, o do início da colonização, também muitos outros personagens de Alencar terão como palco de suas aventuras nosso passado colonial, em torno do qual ele tece sua trama, rica em retratos de hábitos e costumes das pessoas da região brasileira escolhida para a obra. Conforme Luís da Câmara Cascudo:

Letrado, sabedor de boas fontes, leitor de Marcgrav e de Barléu, de Humboldt e de Herrero, de Piso, de Gumilla, de todos os cronistas do século XVI, dos estudiosos como D’Orbigny, Denis, Martius, Southey, dos arquivos e dos relatórios das expedições, não há nele improvisação e sonho quando evoca os pormenores da vida selvagem, em canto, dança, alimentação, caça e pesca. Por isso Capistrano disse valerem suas páginas o esforço erudito de longas monografias especializadas. Mas essas monografias jamais teriam a cor, o movimento, o calor e a beleza que o grande animador lhes imprimiu⁴⁶.

E acrescenta: “em *As Minas de Prata*, onde romanceia o mistério do roteiro de Robério Dias, desenha, numa precisão nítida, as festas seiscentistas, jogos de canas, justas, cavalhadas, argolinhas”⁴⁷.

Nesse romance histórico, José de Alencar descreve um episódio pouco conhecido da história colonial do Brasil, passado no sertão da Bahia, em princípios do século XVII. Trata-se da busca pela montanha prateada que resultou na descoberta da Chapada Diamantina. Mas o segredo da localização da verdadeira mina de prata nunca foi desvendado. Wilson Lousada, apresentando o romance em seu texto “Alencar e *As Minas de Prata*”, diz:

Aventureiros, judeus, soldados, escravos, índios, nobres, funcionários da coroa, padres, eis o mundo da acanhada Salvador nos começos do século XVII, já então subordinada à autoridade dos soberanos espanhóis. E é nesse mundo que José de Alencar introduz o leitor das Minas de Prata, abrindo-o com a chegada do novo Governador Geral do Brasil, D. Diogo de Menezes, austero fidalgo e soldado⁴⁸.

45 ALENCAR, José de. *Iracema*. Lenda do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 1985, p. 118.

46 CÂMARA CASCUDO, Luís da. O folclore na obra de José de Alencar. In: ALENCAR, José de. *Til*. Romance brasileiro. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, v. XI, 1955, p. 6-7.

47 *Ibidem*, p. 6.

48 LOUSADA, Wilson. Alencar e *As Minas de Prata*. In: ALENCAR, José de. *As Minas de Prata*. Romance brasileiro. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1977, p. XVIII.

Além do mais, “estudando as crônicas coloniais sobre o assunto, Alencar pôde reconstituir com fidelidade o ambiente da época e dar ao livro uma base histórica sem maiores falhas”⁴⁹. Também, segundo Lousada, essa obra representa, cronologicamente, o primeiro romance brasileiro de aventura. Aventura que é fiel, no entanto, à época que procura descrever e fixar⁵⁰.

Dessa forma, portanto, desenvolve-se o romance histórico alencarino: partindo de uma situação real para romancear, com originalidade, os fatos e costumes da sociedade brasileira, principalmente a urbana, como a do Rio de Janeiro e de Salvador. Ele também se preocupava com o imaginário popular, registrando as lendas e tradições que faziam parte do dia-a-dia da população. Sobre esse tema, comenta Câmara Cascudo:

Alencar é um dos informadores máximos do Folclore. Registrou nos romances a normalidade da vida brasileira, de norte a sul, mitos, lendas, cantigas, lutas, festas religiosas e políticas, tradições, costumes locais⁵¹.

Pedro Calmon, também em comentário sobre *As Minas de Prata*, descreve o romance histórico como sendo “uma obra d’arte encartada habilmente nos fatos célebres”⁵². Ou seja, o fato histórico servindo de matriz para o desenvolvimento do romance, no qual o autor liberta os personagens das correntes que os prendem ao registro oficial, moldando-os ao sabor da imaginação. Desse modo, a intimidade deles é apresentada ao leitor com toda a força de suas emoções, no palco em que viveram, mas em situações tiradas diretamente da mente criativa do autor. O trecho abaixo, de *As Minas de Prata*, descreve o encontro de Estácio, personagem criado por José de Alencar, em torno de quem se desenrola toda a trama de *As Minas de Prata*, com D. Diogo de Menezes e Sequeira, que foi governador-geral na Bahia de 1608 a 1612:

D. Diogo de Menezes, que o esperava no fim da sala sentado à mesa de trabalho, erguendo os olhos, dera com aquele vulto armado no instante em que ele praticava a singular ação de trancar a porta. Desenhou-se no seu varonil e majestoso semblante uma ligeira surpresa motivada pela estranheza do caso; abaixando rápido, e imperceptível olhar para as guardas da espada, que descansava ao lado sobre a cadeira, esperou com a placidez e serenidade de quem sente-se em uma esfera superior, onde não ousam penetrar as paixões más.[...] Com um gesto cheio de nobreza e graça, o cavalheiro ergueu a viseira do elmo e descobriu a bela e ativa fisionomia de Estácio⁵³.

49 *Ibidem*, p. XVIII.

50 *Ibid.*, p. XIX.

51 CASCUDO, Luís da Câmara, O folclore na obra de José de Alencar. *Op. cit.*, p. 6.

52 CALMON, Pedro. A verdade das Minas de Prata. In: ALENCAR, José de. *As Minas de Prata*. Romance brasileiro. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1977, p. X.

53 ALENCAR, José de. *As Minas de Prata*. Romance brasileiro. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio;

Calmon também afirma que Alencar tem a intenção de criar a consciência histórica do povo, aproximando os acontecimentos reais passados do leitor de ficção, de forma a gravar-lhe no espírito o sentimento de nacionalidade. É essa aproximação com a história e com a gente brasileira que revela, no autor de *O Guarani*, a preocupação de fazer uma literatura nacional. Quando o leitor é deparado com os romances históricos alencarinos, ele se vê transportado para uma determinada época da vida brasileira e passa a “conviver” com pessoas iguais a ele, com desejos, alegrias, paixões não correspondidas e dúvidas existenciais. Escrevendo sobre o entrecruzamento da história e da ficção, Paul Ricoeur diz que “a perenidade de certas grandes obras históricas” deve-se à “sua maneira de ver o passado”, além de ter um caráter apropriado de arte poética e retórica, porque “a mesma obra pode, assim, ser um grande livro de história e um admirável romance. O espantoso é que esse entrelaçamento da ficção à história não enfraquece o projeto de representância desta última, mas contribui para sua realização.”⁵⁴

A escolha de personagens “menores”, ou seja, sem grande relevância para a historiografia oficial, é proposital. Ao ser transportado para a vida de uma dessas personagens, o leitor sente-se intimamente ligado a ela, participando dos acontecimentos que se desenrolam, tomando consciência do desenvolvimento político e social de seu país, descobrindo suas origens, convivendo até com figuras ilustres do passado, sem o distanciamento que a história oficial impõe. Segundo Afrânio Coutinho,

essa tomada de consciência do Brasil pelos brasileiros, corresponde a uma volta do exílio intelectual, foi, todavia, um movimento que se processou lentamente, em consequência do Romantismo [...] É Alencar quem realiza essa transformação, cabendo-lhe, por isso, o posto de patriarca da literatura brasileira⁵⁵.

Em prefácio de *Til*, após elogiar a “irresistível atração” do vocabulário de Alencar, Câmara Cascudo complementa:

O outro centro de interesse era a vida brasileira nos livros de Alencar, a vida diária e comum, normal e banalíssima, figuras lógicas, cenas habituais, costumes conhecidos,

Brasília: INL, 1977, p. 809 e 810.

54 RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, Tomo III, 1997, p. 323.

55 COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966, p. 37-8.

dando o que Machado de Assis dizia ser “a nota íntima da nacionalidade”⁵⁶.

A escolha dos temas também é de fundamental importância para a construção histórica. José de Alencar percorre, em suas obras, várias regiões do país, como forma de irradiar o sentimento de nacionalidade a todos os brasileiros: no Ceará, a origem do povo brasileiro é simbolizada pelo fruto do amor de Iracema e Martim Soares Moreno; na Bahia, o autor denuncia a corrida em busca da riqueza fácil das minas; em Pernambuco, vêm à tona as intrigas que antecedem uma batalha – que é o caso da Guerra dos Mascates; e, no Rio de Janeiro, as artimanhas da corte ajudam a pintar a sociedade da época. Esses são alguns exemplos de como José de Alencar percorreu o país falando de assuntos tão variados. Era verdadeiramente o Brasil para brasileiro ler; a unificação da cultura brasileira através de sua divulgação dentro do próprio território nacional. Assim,

José de Alencar, como nenhum outro, fixou o Brasil dos meados do século XIX e evocou épocas vividas, articulando nas figuras criadas os fios temáticos que o apaixonavam. Assim os seus romances dos séculos XVI e XVII são reconstruções hábeis, sem anacronismos, mas os homens e as mulheres representam a sensibilidade romântica que iluminava o autor.⁵⁷

Alencar era dotado, poder-se-ia dizer, de certa “imaginação histórica”; ele tratava de preencher as lacunas deixadas em aberto pela historiografia oficial. Sua obra responde a perguntas sobre o modo de vestir, a alimentação e a diversão da época retratada. Seus personagens atuam à volta do acontecimento histórico principal, humanizando-o. Ele não olha para o passado através de lentes objetivas, impessoais. Há um envolvimento do autor através dos homens e mulheres que fazem parte da narrativa.

Analisando sua veia de historiador, não podemos, portanto, encaixá-lo no positivismo, a corrente historiográfica mais atuante na segunda metade do século XIX, que exigia do historiador objetividade no relato da história. Ou seja, o encarregado de registrar o passado tinha que fazê-lo de forma distanciada, descrevendo as cenas tal qual tinham ocorrido. Alencar mantém o registro principal, mas, sobre ele, constrói uma trama paralela, cheia de personagens fictícios que se misturam às personagens reais da história. Sendo assim, ele “altera” os fatos. É uma alteração proveniente do acréscimo, pela imaginação, de dados, tramas e pessoas. É um tipo de alteração não aceita pela corrente positivista. Mas para aqueles que sustentam a idéia de uma “imaginação

56 CÂMARA CASCUDO, Luís da. O folclore na obra de José de Alencar. *Op. cit.*, p. 4.

57 *Ibidem*.

histórica”, como o faz Paul Ricoeur, esse “imaginário se incorpora à consideração do ter-sido, sem com isso enfraquecer seu intento ‘realista’”. Isto é, “não se proíbe, então, ‘pintar’ uma situação, ‘restituir’ uma cadeia de pensamento e dar a esta a ‘vivacidade’ de um discurso interior”.⁵⁸

José de Alencar, portanto, voltou seu olhar minucioso e agudo para nossa história. Com este olhar, não poderia deixar de perceber e comentar algumas questões sobre as quais não concordava na sociedade brasileira. Tomemos como exemplo *O Guarani*, que trata do contato já adiantado do colonizador com o índio. Nesta obra, temos a personagem Isabel, que não é totalmente aceita na família por ser mestiça; por conseguinte, também não aceita sua parte selvagem por achar que ela a inferioriza aos olhos de seus parentes, como podemos observar no trecho a seguir:

Em Isabel o índio fizera a mesma impressão que lhe causava sempre a presença de um homem daquela cor; lembrara-se de sua mãe infeliz, da raça de que provinha e da causa do desdém com que era geralmente tratada. [...]

- Sabeis quem eu sou; uma pobre órfã que perdeu sua mãe muito cedo, e não conheceu seu pai. Tenho vivido da compaixão alheia; não me queixo, mas soffro. Filha de duas raças inimigas devia amar a ambas; entretanto minha mãe desgraçada fez-me odiar a uma, o desdém com que me tratam fez-me desprezar a outra.⁵⁹

Alencar toca em um ponto sensível para o brasileiro, a miscigenação. Essa miscigenação, longe de diminuí-lo, o engrandece e embeleza. A própria descrição de Isabel feita pelo autor reflete isso:

Era um tipo inteiramente diferente do de Cecília; era o tipo brasileiro em toda a sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malícia, de indolência e vivacidade.

Os olhos grandes e negros, o rosto moreno e rosado, cabelos pretos, lábios desdenhosos, sorriso provocador, davam a este rosto um poder de sedução irresistível.⁶⁰

Mas o poder estava, e ainda está, em sua maior parte, nas mãos de uma minoria branca. E, desde muito tempo, antes mesmo de Alencar, já existia esse preconceito do mestiço contra si mesmo. A valorização do branco europeu fazia com que os brasileiros não se reconhecessem como um povo mestiço. No caso de Isabel, esse preconceito fica evidenciado na maneira como ela trata o índio Peri.

Ao escrever sobre esse assunto, o autor faz uma crítica ao fato de o brasileiro

58 RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. *Op. cit.*, p. 317.

59 ALENCAR, José de. *O Guarani*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1978, p. 74 e 111.

60 *Ibidem*, p. 25.

não se aceitar em relação a si próprio. Essa análise, que parte de um momento presente, com todas as suas influências, aproxima Alencar da corrente presentista, que, segundo Adam Schaff, seria “a história como uma projeção do pensamento e dos interesses presentes sobre o passado”⁶¹. Alencar, deste modo, revela-se um historiador à sua maneira, com uma visão própria, preocupado com os fatos históricos e, principalmente, com a maneira como eles são apreciados por seu leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALENCAR, José de. *As Minas de Prata*. Romance brasileiro. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1977.

_____. Carta ao Dr. Jaguaribe. In: _____. *Iracema*. Lenda do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 198.

_____. *Iracema*. Lenda do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 1985.

_____. *O Guarani*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1978.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. O folclore na obra de José de Alencar. In: ALENCAR, José de. *Til*. Romance brasileiro. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, v. XI, 1955.

CALMON, Pedro. A verdade das Minas de Prata. In: ALENCAR, José de. *As Minas de Prata*. Romance brasileiro. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1977.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.

LOUSADA, Wilson. Alencar e *As Minas de Prata*. In: ALENCAR, José de. *As Minas de Prata*. Romance brasileiro. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1977.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, Tomo III, 1997.

SHAFF, Adam. *História e Verdade*. Trad. de Maria Paula Duarte. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

61 SHAFF, Adam. *História e Verdade*. Trad. de Maria Paula Duarte. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 101.